Manifesto Paulistano

"Paulistano" Manifesto

Manifiesto "Paulistano"

Leandro de Santana Silva
Universidade Federal de São Paulo, Brasil

RESUMO

Resenha do desfile *Capítulo 4, Versículo 3 - Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano* da Escola de Samba Vai-Vai no Sambódromo do Anhembi no Carnaval de 2024, assinado pelo carnavalesco Sidnei França, acerca das relações entre o *hip-hop*, as ruas da cidade de São Paulo e Exu.

Palavras-chave: Carnaval, Vai-Vai, identidades urbanas, *hip-hop*, São Paulo

Trabalho submetido: 10/7/2024
Aprovado: 8/8/2024

ABSTRACT

Review of the parade *Capítulo 4, Versículo 3 - Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano* of the Escola de Samba Vai-Vai at the Anhembi Sambódromo in the 2024 Carnival, signed by Carnival artist Sidnei França, about the relations between hip-hop, the streets of the city of São Paulo and Exu.

Keywords: Carnival, Vai-Vai, urban identities, hip-hop, São Paulo

RESUMEN

Reseña del desfile *Capítulo 4, Versículo 3 - Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano* de la Escola de Samba Vai-Vai en el Sambódromo do Anhembi en el Carnaval de 2024, firmado por el artista carnavalesco Sidnei França, sobre las relaciones entre el *hip-hop*, las calles de la ciudad de São Paulo y Exu.

Palabras clave: : Carnaval, Vai-Vai, identidades urbanas, *hip-hop*, São Paulo

Leandro de Santana Silva é Mestre em História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (PPGHA-UNIFESP, 2022).
https://orcid.org/0000-0001-6110-4477 | leandrosp_santana@hotmail.com

Fig. 1 - Comissão de frente, Vai-Vai, 2024.
Fotografia: cortesia Rodrigo Marxx

Manifesto Paulistano

Encruzilhada de sentidos

> *Laroyê! Axé! Me dê licença,*
> *Saravá Seu Tranca Rua, Eu não ando só,*
> *o papo é reto e a ideia não faz curva.*
> (trecho do samba-enredo da
> Escola de Samba Vai-Vai, 2024)[1]

Exu primeiro.

O orixá das ruas, da comunicação.

O verso que dispara.

De forma corriqueira, Exu geralmente está representado nos desfiles das escolas de samba em enredos que, de alguma forma, abordam aspectos da religiosidade afrodiaspórica, mas, no caso do Vai-Vai, a presença de Exu não se dá *pro forma*, ela evidencia e enaltece a afrobrasilidade não só do movimento *hip-hop* como, também, da cidade de São Paulo. Desta forma, tanto Exu, quanto Seu Tranca Rua[2] , ao abrirem o desfile da Saracura[3], localizam a cidade dentro de um debate histórico, social e cultural afrodiaspórico.É uma afirmação de que a cidade de São Paulo é negra e é, a partir daí, que o *hip-hop* é assim apresentado: um manifesto – como bem salienta o título do enredo – das ruas de São Paulo. Entronca-se dessa forma, entre ruas e palavras, a tríade: Exu, *hip-hop* e São Paulo.

1 Samba-enredo desenvolvido para o Carnaval de 2024 da Escola de Samba Vai-Vai, com a autoria de Danni Almeida, Vagner Almeida, Marcinho Z. Sul, Clayton Dias, Luciano Bicudo, Claiton Asca, Rodrigo Atração, Edson Liz, Anderson Bueno, Bira Moreno, Mario Lucio, Leandro Martins, Reinaldo Papum. Intérprete: Luiz Felipe..

2 Exu é um orixá – deidade yorubá – associado à abertura dos caminhos, à comunicação e a ordem do mundo. Seu Tranca Rua é uma entidade da Umbanda associado às ruas e ao Orixá Exu.

3 Saracura é uma expressão popularmente associada ao Vai-Vai por referir-se ao córrego homônimo que existe na região do Bixiga, território de pertencimento da Escola de Samba em questão.

Meu verso é arma que dispara e a palavra é a bala pra salvar.
(trecho do samba-enredo da Escola de Samba Vai-Vai, 2024)

De Exu. Das ruas. De São Paulo.

A fala. O verbo.

Se a palavra vale uma bala, como salienta o rap que inspira o enredo[4] , o Vai-Vai teve (ou melhor, "tem", no presente contínuo) muita munição. A exaltação ao movimento *hip-hop* e às produções artístico-culturais a ele associados, como o *rap*, o *break*, o *graffiti* e o pixo, se deu, ao longo do desfile, também como um enaltecimento das culturais urbanas de São Paulo. Identidades e representações que, na tradução de um estilo musical a outro, foi atravessado pela própria representatividade que o Vai-Vai exerce na história da cidade.

4 O título do enredo do Vai--Vai, *Capítulo 4, Versículo 3 - Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano,* é inspirado na obra *Capítulo 4, versículo 3* do álbum *Sobrevivendo no Inferno* dos Racionais MC's.

De autoria do carnavalesco Sidnei França, o enredo *Capítulo 4, Versículo 3 - Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano* fora desenvolvido em parceria com o Departamento Cultural da Escola de Samba Vai-Vai para o Carnaval de 2024, em homenagem aos 40 anos da cultura *hip-hop* no Brasil e, para tanto, a Escola de Samba em questão levou para o Sambódromo do Anhembi um desfile carregado de discursos, de enfrentamento político e, também, de resistência sociocultural.

Fig. 2 - Comissão de frente (quadripé), Vai-Vai, 2024.
Fotografia: Leandro de Santana Silva

Ao seguir o fluxo do enredo, o desfile do Vai-Vai nos escancara em cores e formas, toda uma urbanidade que é renegada, retaliada, subjugada... A visualidade das ruas paulistanas, demarcadas fortemente com o pixo, em muito é tida pela sociedade e pelos poderes públicos, como uma violência, como um ato criminoso, como evidenciam os próprios termos legais. Marginal.

O pixo é, então, de acordo com as normas sociais ocidentais, visto como algo sujo, alvo de uma higienização social... Afinal de contas, ele evidencia as próprias contradições de uma cidade fruto do modo de produção capitalista, no qual o "centro" e a "periferia" estabelecem uma complexa trama de relações de dependência e de coexistência. Ele age, nesse contexto, como uma cisão: é um ato político de reinserção forçada de uma população marginalizada, escancarado em verticalidades centrais. Há, assim, uma tensão espacial: o pixo indica uma ocupação simbólica de um espaço que lhes fora renegado.

Se a estética (para além do sentido visual) do pixo incide como uma transgressão no espaço, pode-se dizer, também, que o mesmo ocorre dentro da ótica do Carnaval. Os desfiles de escolas de samba carregam, em suas visualidades, certa herança estilística que tende a enaltecer o "barroco"[5] como "belo". Não me cabe, aqui, discutir acerca do infindo debate entre a "Arte" e o "Belo", mas entender o quanto o desfile do Vai-Vai rompe com a lógica de um senso estético engessado do nosso Carnaval.

Da estética das ruas à consolidação dos carros alegóricos, há, neste sentido, uma exaltação a partir dos traços e das cores, do *graffiti* e do pixo enquanto manifestações visuais associadas ao *hip-hop*. Como o próprio enredo evoca, ressalta-se mais uma vez a visualidade da cidade de São Paulo no desfile de Carnaval... E, como tal, incide de maneira tal que nos desloca enquanto espectadores, já que as alegorias dialogam de imediato com o que se vê do lado de fora do palco fechado do Anhembi. As alegorias se verticalizam como prédios, da arquibancada a vista é quase que aquela que percebemos quando abrimos a janela no centro da cidade.

5 Dentro do sistema histórico, artístico e cultural dos desfiles das escolas de samba, convenciona-se chamar de "barroco" as alegorias e fantasias de caráter visual mais suntuoso, com maior número de aviamentos e ornamentações. Não se trata do movimento artístico de origem europeia, que se manifestou entre os séculos XVI e XVIII, refere-se, pois, ao estilo carnavalesco popularizado entre as escolas de samba na contemporaneidade.

Enaltecer o que por vezes é corriqueiro, em forma de desfile de Carnaval é, sem dúvida, uma transgressão. Coragem.

Saem as volutas, as sinuosas curvas esculpidas em isopor e acetado e entram as formas rígidas dos edifícios da cidade. Saem os acabamentos minuciosos de um “barroquismo carnavalesco” de tecidos e aviamentos caros e entra a tinta nua e crua. A verdade, assim, se dá na simplicidade.... Cai por terra a soberba visual que tenta iludir através de acúmulos e brota, do asfalto, uma arte bruta, de sentidos e de discursos.

Fig. 3 - Terceira alegoria, Vai-Vai, 2024.
Fotografia: Leandro de Santana Silva

Em uma relação quase que dialética na qual o desfile de escola de samba se porta como uma arte que “carnavaliza” a vida, as alegorias do Vai-Vai dão vida ao Carnaval, tanto por romper com uma lógica visual tradicionalmente engessada como, também, por evocar a força de um discurso urbano, histórico e contemporâneo. É a própria voz de Exu. É o próprio verso do *hip-hop*. É a própria existência da maior cidade do hemisfério sul do planeta.

Se voltarmos o olhar novamente para a (por mim evitada) questão do belo, o desfile, em meu olhar, evidencia uma contradição: a busca pelo real destaca a beleza de uma cidade que um sistema capitalista higienista nos impede de olhar. Uma São Paulo que pulsa, que resiste, que vibra e colore... fruto de adrenalinas que enfrentam vertigens, fruto de discursos que escancaram as desiguais realidades. A beleza se estrutura na "verdade", não a da lógica de Platão, mas no "papo reto" do discurso.

Nada mais real. Nada mais Carnaval.

Se a arte reside (também) no confronto, no desconforto, o manifesto do Vai-Vai é uma inexorável manifestação artística e política. Decerto, cada desfile de escola de samba já o é, por si, mas em muito o esvaziamento de conteúdo compromete e acomoda a forma e isso não podemos jamais ignorar.

Da mesma forma que o cânone carnavalesco é questionado nas alegorias, o mesmo ocorre no desfilar de ala a ala... As fantasias também rompem com a estruturação clássica de grandes composições sustentadas por costeiros, chapéus e dorsos sustentados em armações metálicas: assume-se um olhar das fantasias enquanto "figurinos", enquanto "indumentária"... aproxima-se do contemporâneo que se estabelece na urbe. Concretude.

Desfecho ou Por vir

No confronto entre a denúncia e o conservadorismo, os fatos se desenrolam de maneira minuciosamente didática. Ao representar o álbum *Sobrevivendo no Inferno,* dos Racionais MC's, através de figuras policiais retratadas como demônios em uma ala de seu desfile, a fúria reacionária então se deu: a nota de repúdio da Confederação Brasileira de Policiais Civis e o consequente pedido de represálias de deputados de extrema-direita ao Vai-Vai. Opressão.

A violência tão explicitada pelo *hip-hop* paulistano e evidenciada no desvelar do desfile, bem como a crítica à repressão policial que resultou na posterior repressão policial ao desfile, somente explicita o que o desfile tem de mais formidável: a fala.

> *Acharam que eu estava derrotado*
> *Quem achou estava errado*
> *Corpo fechado, sou cultura popular.*
> (trecho do samba-enredo da Escola de Samba Vai-Vai, 2024)

Fig. 4 - Quarta alegoria, Vai-Vai, 2024.
Fotografia: Leandro de Santana Silva

Ao voltarmos para o fio narrativo, o desfile se inicia e se encerra questionando o *status quo* (violento e racista) da história da arte: do Teatro Municipal de São Paulo, palco da Semana de Arte Moderna de 1922 – posto em meio a farrapos e ratazanas – ao MASP (Museu de Arte de São Paulo), símbolo maior da institucionalização da arte na cidade, ocupado, pixado. Cânones que estabeleceram cânones através da exclusão, através do filtro de olhares burgueses e ocidentalizados. A crítica a tais espaços, e ao sistema de arte como um todo, abre margem a um novo olhar: erguem-se outros heróis, invadem-se os espaços e reconfigura-se, assim, o que se almeja enquanto grito (agora) não mais contido.

Desigualdades, violências e silenciamentos... questões estas que, por vezes, o próprio Carnaval enclausurado no sambódromo do Anhembi, reproduz.

Mas agora o verso já foi disparado, nos cabe a sincera escuta e a lição do agir.